

ESTADO ATUAL

O Sector Florestal e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável A construção de um roteiro

Atualmente, o enquadramento dado pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) constitui a orientação chave para assegurar um futuro mais sustentável, sendo a ação das empresas uma peça chave para os alcançarmos.

O relatório Better Business, Better World, da Comissão Business and Sustainable Development das Nações Unidas, estabeleceu a necessidade das empresas alinharem as suas estratégias com os ODS, desenvolvendo como as empresas poderiam aproveitar o enorme potencial económico dos novos mercados e dos novos empregos gerados por esta ação até 2030. Identificou ainda que a integração dos ODS nas estratégias individuais das empresas é fundamental, mas também que muitos dos desafios teriam de ser ultrapassados em conjunto pelos diversos sectores da economia e não individualmente, empresa a empresa.

O grupo de empresas líderes mundiais do sector florestal, agrupadas no Forest Solutions Group (FSG) do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), aceitaram o desígnio de ajudar o sector a navegar os grandes desafios que se apresentam e assegurar que o sector florestal continua a crescer e a prosperar em linha com os ODS, publicando o Forest Sector SDG Roadmap <https://www.wbcd.org/Sector-Projects/Forest-Solutions-Group/Forest-Sector-SDG-Roadmap>. O conjunto alargado de produtos florestais, dos tradicionais papel, embalagem e produtos de higiene pessoal, até aos inovadores biomateriais para a construção, indústria química ou têxtil, disponibilizam soluções de uso quotidiano. Sendo muito relevante que estes produtos, e as florestas que lhes estão na origem, fixam carbono. Assim, o sector florestal encontra-se particularmente bem posicionado para liderar a transição para uma economia circular e de baixas emissões de carbono, baseada numa matéria prima natural, gerida de uma forma sustentável.



EVENTOS

10 DE FEVEREIRO

Ciência com impacto – contributos para a Gestão Integrada de Fogos Rurais

UTAD, Vila Real

www.eventbrite.com/e/registro-ciencia-com-impacto-a-gestao-integrada-de-fogos-rurais-92361021301

12 DE FEVEREIRO

Dia aberto do grupo operacional REGACORK

Rega de Sobreiros – Avis

<https://www.goregacork.uevora.pt>

29 DE FEVEREIRO

III Seminário “Mitigação dos efeitos do aquecimento global: Água recurso estratégico”

Sever do Vouga

<https://www.bagasdeportugal.pt/seminario-dedicado-a-agua/>

13 DE ABRIL

Seminário “The role of environmental technologies in the sustainable management of forest”

Instituto Superior Técnico, Lisboa

<https://tecnico.ulisboa.pt/pt/eventos/seminario-cere-na-gestao-sustentavel-da-floresta/>

INTERNACIONAIS

IUFR 2020 Wind and Trees Conference

Rotorua, New Zealand from 24–28 February

<https://windandtrees2020.com>

International Symposium IUFRO on Pine Wilt Disease

Orléans, France from 9–13 March 2020

<https://symposium.inrae.fr/pwd2020/>

Mixed species forests

Risks, resilience and management

Swedish University of Agricultural Sciences

Lund, Sweden from 25–27 March, 2020

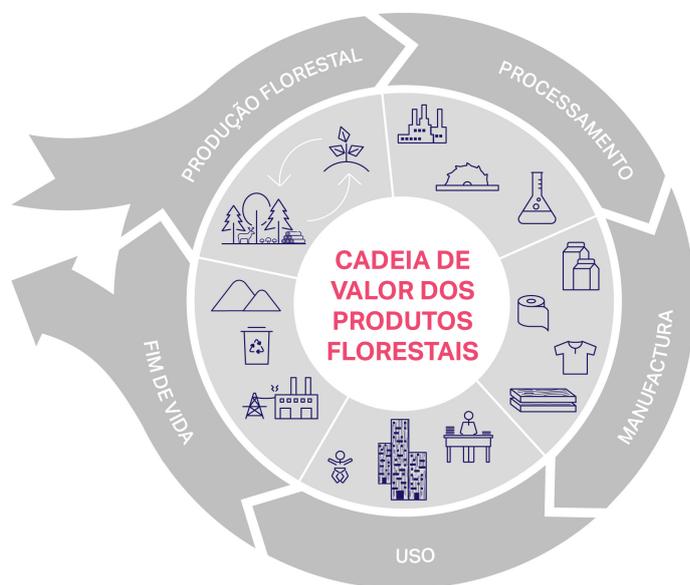
<https://www.expobiomasa.com/>

A procura crescente de produtos de origem florestal, em combinação com as mudanças climáticas, coloca o sector sob uma pressão intensa para disponibilizar os produtos e serviços que a sociedade necessita, e que têm de ser sustentáveis. Para atender a esta procura global, os produtos florestais têm de ter como base florestas saudáveis e produtivas, que possam disponibilizar de forma contínua as necessidades de madeira e de fibras, enquanto asseguram os serviços dos ecossistemas e as condições de vida para os trabalhadores do sector.

O desenvolvimento deste roteiro permitiu conhecer as contribuições de maior impacto para os ODS que o sector induz nas suas operações, produtos e inovação, ao longo das diversas cadeias de valor do sector. Assim para os 17 ODS e as 169 metas, foram definidas oito áreas de oportunidade de impacto e 23 caminhos para potenciar o contributo do sector para os ODS. Estes caminhos incluem as ações específicas, os potenciadores da ação e os parceiros a envolver, mapeados conjuntamente com os ODS a focar. Estas áreas de impacto permitem uma visão englobadora das ações que o sector florestal pode (e deve) desenvolver para potenciar o contributo para os ODS.

Para este exercício utilizaram-se as orientações do SDG Sector Roadmap Guidelines, desenvolvidas pelo WBCSD, onde se avaliaram, entre outras variáveis, o alinhamento atual das práticas do sector ao longo das diversas cadeias de valor, as oportunidades mais significativas de aumentar o impacto e as ações chave para a concretização do potencial de impacto. A utilização desta metodologia permite também ultrapassar as dificuldades de se analisar o sector, tendo por base um conjunto de objetivos que foi desenvolvido com um fim último completamente diferente.

Todo este trabalho foi enquadrado pela consulta permanente com um grupo alargado de stakeholders globais do sector florestal, como por exemplo o WWF, o IUCN e a FAO, entre outros.



Para o desenvolvimento desta análise foi definido como âmbito a cadeia de valor do sector, que inclui todas as atividades que genericamente dependem da produção de bens e serviços das florestas, incluindo a produção, processamento, manufatura, uso e fim de vida.

Desenvolvido todo o processo, definiram-se quais os ODS para os quais o sector florestal tinha maior potencial de impacto. Houve, no entanto, necessidade de organizar este grupo de ODS em duas classes de importância. Os ODS Fundamentais e os ODS de Suporte.

UMA FIGURA, UM EVENTO, UMA IMAGEM, UM PENSAMENTO



ENGENHEIRO JOSÉ CARLOS RESINA RODRIGUES
(1932-2018)

O Eng. Silvicultor José Resina Rodrigues, técnico e dirigente que trabalhou durante mais de 4 décadas em vários serviços ligados às florestas, conservação da natureza e agricultura, iniciou a sua vida profissional como tirocinante na Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas (DGSFA) em fevereiro de 1958, transitando posteriormente para a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e mais tarde para a Junta de Colonização Interna.

Em 1962 reingressa na DGSFA, desempenhando inicialmente funções no Serviços de Melhoramentos Florestais, sendo em 1969 contratado para o Setor de Proteção da Natureza do Serviço de Inspeção de Caça e Pesca (DGSFA), onde é responsável pela demarcação, criação e gestão de várias áreas protegidas, incluindo a Reserva e o Parque Natural da Arrábida, a Reserva das Ilhas Selvagens, entre outras e pelo acompanhamento de assuntos na área do ambiente, tendo o seu desempenho recebido louvores do Secretário de Estado da Agricultura. Em 1979 é nomeado chefe da Divisão de Parques e Reservas Florestais passando em 1992 a integrar o Gabinete de História Florestal da Direcção-Geral das Florestas, onde desenvolve intensa atividade na recolha e preservação de documentos com valor histórico e patrimonial, para além da produção de exposições, artigos e monografias sobre os maiores vultos da silvicultura nacional.

Ao longo da sua vida, integrou os corpos sociais de diversas organizações do setor, incluindo a Ordem dos Engenheiros.

Tendo-se aposentado do serviço na Direcção-Geral das Florestas em 2002, após atingir o limite de idade, manteve sempre a sua disponibilidade para ajudar os Colegas que o procuravam, no reconhecimento da sua vasta experiência e saber, que sempre cultivou.

O Eng. Resina ganhou o respeito e a simpatia da generalidade dos Florestais com quem trabalhou não só pelos seus profundos conhecimentos e competência técnica, mas também pelas suas qualidades humanas, de que se destacam o trato afável e a grande simplicidade, modéstia e discrição pessoais.

Assim, o grupo dos ODS Fundamentais considera, pela sua ordem na lista global: 1 – Água e saneamento; 7 – Energias renováveis; 8 – Trabalho digno e crescimento económico; 12 – Produção e consumo sustentáveis; 13 – Combater as alterações climáticas e 15 – Ecossistemas terrestres e biodiversidade. O grupo dos ODS de suporte compreende: 1 – Erradicar a pobreza; 4 – Educação de qualidade; 5 – Igualdade de género; 9 – Inovação e infraestruturas e 11 – Cidades e comunidades sustentáveis.



Esta classificação não implica que se considere que o grupo não considerado não tenha relevância, ou que o grupo dos ODS Fundamentais tenha preponderância sobre o grupo dos ODS de Suporte, mas sim que a capacidade de impacto é maior nestes dois grupos individualizados. Nesta hierarquia também se considera que estes ODS são aqueles onde o sector pode contribuir de uma forma mais substantiva para o seu progresso. O trabalho que está na base deste artigo articula, de forma exaustiva, o contributo do sector florestal para os 17 ODS, bem como ilustra com exemplos de ação de diversas empresas.

Identificados os ODS a focar, desenvolveu-se o processo de, para cada conjunto das atividades florestais, identificar a forma efetiva como podem melhorar o seu impacto. Analisados os resultados, foi possível entender que se agrupam em seis grandes áreas de impacto - Clima; Água; Circularidade; Comunidades; Pessoas e Abastecimento. Acrescidas das duas áreas de focalização do programa de ação do FSG, florestas de trabalho (ou working forests no original) e bioeconomia.

Cada oportunidade dos caminhos de impacto foi complementada com uma série de ações de curto, médio e longo prazo. Em cada caminho identifica-se também o nível de impacto potencial para cada ODS considerado, grau de influência do sector, fatores de potenciação e parceiros chave, e identifica ainda as metas específicas em cada ODS onde há uma ligação direta. Os caminhos de impacto permitem ter uma visão compreensiva das ações possíveis que o sector pode tomar para maximizar a contribuição e impacto para a concretização dos ODS. Isto inclui também ações para minimizar os impactos negativos atuais.

Assim, de forma resumida, foram estes os grandes objetivos definidos para cada uma das oito áreas de impacto:



- Florestas de trabalho – aumentar a área de floresta sob gestão florestal sustentável;
- Bioeconomia – aumentar a contribuição do sector para uma bioeconomia circular;
- Clima – avançar e fortalecer o papel das florestas, dos produtos de origem florestal e do sector florestal, na mitigação e adaptação às alterações climáticas;
- Água – expandir as abordagens de gestão da água baseadas no seu contexto;
- Circularidade – ampliar a escala dos modelos de negócio circulares, baseados na produção biológica e com eficiência de uso de recursos;
- Comunidades – melhorar os meios de subsistência e apoiar a resiliência das comunidades dependentes da Floresta e das economias locais
- Pessoas – aumentar a atratividade, diversidade, inclusão e segurança do sector;
- Abastecimento – fortalecer e melhorar as práticas de compras responsáveis, a transparência e rastreabilidade em todas as cadeias de valor.

Este trabalho constituiu uma grande oportunidade de olhar globalmente para o sector florestal e para os desafios que se apresentam, de modo a possibilitar ao sector poder aumentar a sua contribuição para os ODS. A capacidade de cruzar o conhecimento do sector com os diferentes stakeholders, permitiu ajustar, de maneira muito efetiva, uma visão para os desafios do sector.

Luís Rochartre Álvares
 Engenheiro Florestal UTAD
 Diretor, World Business Council for Sustainable Development



A Floresta Laurissilva é um tipo de floresta pouco conhecida pela maioria dos Portugueses. É na ilha da Madeira onde encontramos a maior e mais bem conservada mancha deste tipo de floresta. Trata-se de um tipo de floresta que cobria toda a Europa na Época Terciária e que desapareceu do Continente Europeu mantendo a sua presença apenas na região biogeografia da Macaronésia, constituída pelas ilhas dos Açores, Madeira, Canarias e Cabo Verde e ainda uns pequenos enclaves da Mauritânia.

A Floresta Laurissilva da Madeira é frondosa. Possui uma área de 15 223 hectares segundo dados do 2.º Inventário Florestal da Região Autónoma da Madeira (IFRAM2, 2015), o que corresponde a 21% da superfície da ilha da Madeira e localiza-se em zonas de elevado declive, em alguns casos terrenos mesmo abruptos, de difícil acesso. Ao nível de altitude, a sua distribuição vai dos 300 m aos 1400 m se estivermos na costa norte da ilha e dos 800 m aos 1450 m se estivermos na costa sul. É, contudo, na costa norte da ilha onde encontramos a maior extensão desta floresta.



Figura 1 - Região biogeografia da Macaronésia, constituída pelas ilhas dos Açores, Madeira, Canarias e Cabo Verde e ainda uns pequenos enclaves da Mauritânia .

Figura 2 - Área da Floresta Laurissilva na ilha da Madeira .

Estudos recentes indicam a existência de vários tipos de florestas Laurissilva consoante a altitude ou a humidade. Contudo, quando falamos de Floresta Laurissilva Património Mundial Natural da UNESCO, estamos a falar da floresta Laurissilva do Til. O Til (*Ocotea foetens*) corresponde a uma das principais espécies arbóreas deste tipo de floresta. Pertencente à família das Lauráceas. O Til, juntamente com o Loureiro (*Laurus novocanariensis*), o Vinhático (*Persea indica*) e o Barbusano (*Apollonias barbuja-na*) correspondem às principais, mais abundantes e mais frondosas árvores deste tipo de formação florestal.



Figura 3 - Plantas mais comuns da floresta Laurissilva são as lauráceas como o loureiro (*Laurus novocanariensis* e *Laurus azorica*), o vinhático (*Persea indica*), o til (*Ocotea foetens*), e o barbusano (*Apollonias barbuja-na*).

Mas o reconhecimento e o galardão de Floresta Laurissilva Património Mundial Natural abriu ainda mais as portas para que o Turismo de Natureza e principalmente o pedestrianismo ganhasse grande expressão e importância no cenário do turismo da região. Os principais roteiros turísticos pedestres encontram-se localizados no interior desta floresta e a promoção de todo o sector Turístico de natureza e de montanha tem como referência indissociável a Floresta Laurissilva Património Mundial Natural da UNESCO.

A Madeira hoje é uma referência mundial ao nível do Canyoning, do BTT, do Trail running, do Sky running e embora com menor escala ao nível do parapente e da orientação sobretudo devido à Floresta Laurissilva e das condições que proporciona para o desenvolvimento deste tipo de atividades Lúdico-desportivas. A título de exemplo refiro a prova do Madeira Island Ultra Trail (MIUT) que tem cada vez mais expressão na região, envolvendo mais de 2600 participantes, de 52 nacionalidades. A Floresta Laurissilva é, sem dúvida, fundamental para a promoção do turismo e, consequentemente, para a dinamização da economia regional.

O reconhecimento da importância da Floresta Laurissilva da Madeira é grande, sendo esta detentora de diversos galardões:

1982 - Integrada no Parque Natural da Madeira

1992 - Reserva Biogenética do Conselho da Europa

1999 - Património Mundial Natural UNESCO – 20 anos; Único do género em Portugal

2000 - Sítio de Importância Comunitária (SIC) da Rede Natura 2000 (atualmente, encontra-se classificada como Zona de Proteção Especial (ZPE) e Zona Especial de Conservação (ZEC), no âmbito das Diretivas Aves e Habitats, respetivamente).

2010 – Uma das sete maravilhas naturais de Portugal, vencedora na categoria 'Florestas e Matas'

Esta é, pois, uma floresta única no Mundo, em que a responsabilidade da sua gestão aumenta e na qual a Engenharia Florestal tem um papel preponderante nesse desiderato.

Manuel Antonio. M. Filipe

Presidente do Conselho Diretivo

Instituto das Florestas e Conservação da Natureza

ACONTECEU



seminário **Incêndios Rurais 2020** **Bragança e Valpaços** **23 e 24 janeiro**

Decorreu nos dias 23 e 24 de janeiro, na Escola Superior

Agrária de Bragança e no Auditório Arte e Cultura Luís Teixeira em Valpaços o seminário Incêndios Rurais, organizado pelo Centro de Investigação de Montanha (CIMO), pela Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança e pela Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais. O evento serviu de espaço privilegiado para discussão e integração do conhecimento ao nível dos incêndios rurais e da defesa da floresta contra incêndios

Fizeram parte do programa do evento um conjunto de

oradores convidados altamente especializado e estiveram representados, a nível nacional, o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas, a Liga dos Bombeiros Portugueses, a Guarda Nacional Republicana, a Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, a Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais, a Academia, o Observatório Técnico Independente, representantes de forças operacionais do dispositivo associado aos Incêndios Rurais (Associação Florestais, Comunidades Intermunicipais, Força especial de Proteção civil, Força de Sapadores Bombeiros Florestais, Corpo Nacional de Agentes Florestais, GIPS). Foi ainda dado

destaque ao às alterações climáticas e ao Ordenamento do Território e aos apoios para a prevenção e combate aos incêndios rurais e à recuperação das áreas pós fogo, sendo ainda promovida uma tertúlia com representantes da comunicação social. A nível internacional estiveram presentes representantes da Galiza, Castilla León e Catalunha que fizeram a apresentação do sistema de prevenção e combate em Espanha. O evento contou com forte adesão como comprova a participação de 350 pessoas.

<https://www.youtube.com/watch?v=9f-y7h7Lz3U>



BREVES

No dia 30 de janeiro, a Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais foi recebida em audiência pela Sr^a Secretária de Estado da Valorização do Interior, Prof. Isabel Ferreira. Na reunião, que aconteceu em Bragança a pedido da SPCF, houve oportunidade de transmitir as nossas preocupações relativamente à desertificação do interior e às consequências que daí advêm para a floresta, para o ordenamento da paisagem e do território.



O número reduzido de Engenheiros Florestais disponíveis e necessários para as alterações que se perspetivam no setor florestal com a entrada em vigor do novo PNGIFR foi também alvo de troca de impressões. A Sr^a Secretária de Estado, tem consciência que o problema da valorização do interior passa pelas florestas e manifestou a abertura para apoiar ações e projetos da SPCF que contribuam para a valorização da floresta. Esta audiência é a primeira de um conjunto que a SPCF solicitou a membros do governo e a outros organismos ligados ao setor florestal.



Assembleia Geral

No dia 14 de março de 2020 irá realizar-se a Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais. O evento terá lugar na UTAD, na sala de reuniões do CIFAP pelas 16:00 horas. Convidam-se todos os associados a participar.

MENSALETER — SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS FLORESTAIS EDIÇÃO 16 | JANEIRO 2020

A riqueza desta floresta é enorme. Quer ao nível da flora como da fauna, encerra um património natural com grande diversidade de espécies. Ao nível da flora temos uma inesgotável riqueza ao nível dos briófitos, dos fetos, ao nível dos arbustos e logicamente das árvores. Ao nível da fauna destaca-se os moluscos terrestres e insetos endémicos, os quirópteros (morcegos), e claro a avifauna. Terei aqui que destacar o pombo trocaz (*Columba trocaz*), espécie endémica, considerada como a ave emblemática da Laurissilva, e o bisbis (*Regulus madeirensis*), o mais pequeno dos passeriformes.

A Laurissilva é uma floresta de folha persistente, pluriestratificada, com uma elevada percentagem de espécies exclusivas e nativas quer da Macaronésia quer mesmo da ilha da Madeira. Atualmente 76 táxones endémicos dos arquipélagos da Madeira e Selvagens ocorrem na Floresta Laurissilva



Figura 4 - Exuberância natural da paisagem da floresta Laurissilva.

Mas a importância desta floresta não se fica apenas pela sua elevada biodiversidade.

Esta floresta adquire um papel preponderante no equilíbrio biofísico da ilha, sendo a principal responsável pela captação de água na ilha da Madeira e como elemento de proteção do solo contra os agentes erosivos. As principais nascentes e zonas de captação de água na ilha da Madeira localizam-se no interior da Floresta Laurissilva. É através das famosas Levadas que “circundam” o relevo desta floresta, que a água normalmente é encaminhada do interior da Floresta até aos campos agrícolas que se localizam essencialmente na costa sul da ilha.

A disponibilidade de água no interior da Floresta não se deve apenas à precipitação direta que possa ocorrer, mas essencialmente ao fenómeno denominado de precipitação oculta, que não é nem mais nem menos que a condensação dos intensos e abundantes nevoeiros ricos em água que são empurrados pelos ventos de norte e que condensam em contato com a densa vegetação.



Figura 4 - As levadas (canais de irrigação), que cobrem toda a floresta Laurissilva são suscetíveis de serem percorridos a pé proporcionando passeios de grande beleza paisagística